



A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL A SERVIÇO DAS PSICOTERAPIAS: VISÕES PARA O FUTURO DAS PROFISSÕES DE SAÚDE INTEGRAL E DESENVOLVIMENTO HUMANO

Tainara Groff Schumacher

Linha temática – Tecnologia e Profissão: qual o verdadeiro profissional do futuro?

Resumo: Este artigo explora como a inteligência artificial (IA) pode auxiliar o trabalho de psicoterapeutas, com ênfase em Ontopsicólogos e Psicanalistas, destacando a complementaridade entre as capacidades humanas e tecnológicas. Argumenta-se que, embora a IA ofereça valiosas contribuições ao trabalho terapêutico, ela não pode replicar nem desenvolver a essência dessas ciências devido à complexidade dos métodos, instrumentos e processos emocionais e comportamentais envolvidos, que requerem habilidades e características intrinsecamente humanas. Aborda-se a impossibilidade de substituição do ser humano pela IA em contextos terapêuticos, destacando que o profissional mais capacitado é aquele que sabe aliar as melhores ferramentas tecnológicas disponíveis com sua capacidade emocional, reflexão, percepção, empatia, intuição, criatividade, talento, vocação, propósitos, valores, ética, experiências e sabedoria. Conclui-se que o futuro das psicoterapias reside na harmonização das capacidades humanas com as ferramentas tecnológicas sob um olhar profundo e integral ao ser humano.

Palavras-chave: Inteligência Artificial, Psicoterapia, Ontopsicologia, Psicanálise, Desenvolvimento Humano.

1. INTRODUÇÃO

O avanço da inteligência artificial (IA) tem transformado diversas áreas do conhecimento, incluindo as ciências da psique humana. Este artigo visa discutir a contribuição da IA para o trabalho de Ontopsicólogos, Psicanalistas e demais profissões voltadas ao desenvolvimento humano e à saúde integral do ser, neste estudo denominadas todas de psicoterapias. No contexto de um mundo cada vez mais digital, questiona-se qual é o verdadeiro profissional do futuro no âmbito das psicoterapias e como a IA pode auxiliar essas profissões. Afinal, ela pode substituir o trabalho de um psicoterapeuta humano?

Segundo a visão dos profissionais da área e de acordo com as teorias e descobertas de grandes pensadores e cientistas, tal como o Acadêmico Prof. Antônio Meneghetti e Sigmund Freud, a resposta para essa inquietação é não. O valor das tecnologias modernas é incontestável, entretanto, acredita-se firmemente na insubstituibilidade do contato humano nas psicoterapias.

A Ontopsicologia, ciência interdisciplinar e epistêmica cujo objetivo é a investigação e a demonstração da capacidade de conhecer o real de modo reversível, ou seja, com nexos ontológico, formalizada por Antonio Meneghetti ao longo de 40 anos, foca na totalidade do ser humano, integrando mente, corpo e ambiente (MENEGETTI, 2010). Essa abordagem requer uma compreensão profunda e holística que a IA, com sua dependência de dados e algoritmos, não pode replicar.

A Psicanálise, ciência desenvolvida por Sigmund Freud, explora o inconsciente, os sonhos e os processos mentais profundos (FREUD, 1900). Tanto para a Ontopsicologia quanto para a Psicanálise, a análise dos conteúdos inconscientes e a interpretação simbólica são processos complexos que exigem uma compreensão subjetiva e intuitiva que a IA não possui, dada a sua natureza e funcionamento.

Da mesma forma, se estende essa compreensão para outras abordagens, dentro da Psicologia e Terapias Integrativas, por exemplo, que se baseiam na compreensão holística do indivíduo, considerando fatores emocionais, mentais, sociais e culturais. A IA, com sua abordagem algorítmica, não pode captar essa complexidade.

A capacidade de percepção profunda do terapeuta são elementos fundamentais, levando-se em consideração: o olhar integral ao ser humano, a capacidade de sentir e criar significados, a relação terapêutica e a empatia, a capacidade de intuição e percepção subjetiva, a ética e a moral. Portanto, enquanto a tecnologia pode ser uma ferramenta útil, ela deve ser usada de forma a complementar, aperfeiçoar e contribuir, mas jamais substituir, a essência da interação terapêutica humana.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica deste estudo aborda: a análise das Ciências Ontopsicológica e Psicanalítica; os conceitos e aplicações do Campo Semântico; as possíveis contribuições da IA à psicoterapia e breve estudo de caso sobre a conexão terapêutica com *Chatbots* de IA.

Antonio Meneghetti, ao desenvolver a Ciência Ontopsicológica, enfatizou a importância de compreender o ser humano em sua totalidade, utilizando uma abordagem fenomenológica para explorar a consciência e os processos inconscientes que influenciam o comportamento humano (MENEGHETTI, 2010).

A leitura do Campo Semântico é elemento fundamental à Ciência Ontopsicológica, visto que se trata do seu principal instrumento de análise. Campo semântico, segundo Meneghetti (2010, pg. 38), é “a comunicação base que a vida usa ao interno das próprias individuações”, ou seja, uma comunicação que acontece no plano inconsciente, que carrega informações e significantes e que direciona ações, mas que estão disponíveis ao sujeito e podem ser interpretadas e compreendidas por meio de um profissional capacitado, que segue o critério organísmico e cérebro visceral.

O critério organísmico refere-se à ideia de que o organismo humano possui uma inteligência intrínseca que orienta suas ações e decisões (MENEGHETTI, 2005). Não é a intenção deste estudo aprofundar esses conceitos, contudo, é elementar a compreensão de que há uma inteligência baseada na totalidade do ser humano, incluindo aspectos físicos, emocionais, mentais e espirituais, e ela por si só explica a impossibilidade de a IA substituir o homem nos processos psicoterapêuticos que estiverem comprometidos a identificar, compreender e agir sobre a raiz do sofrimento, e não apenas a remediar sintomas.

O critério organísmico implica que cada ação e resposta do indivíduo estão alinhadas com uma lógica interna e uma harmonia global do organismo, que pode ser acessada e compreendida através da percepção sensível e intuitiva do psicoterapeuta (MENEGHETTI, 2005). O conceito de cérebro visceral se refere à capacidade do sistema visceral (os órgãos internos) de processar informações de maneira semelhante ao cérebro. Na Ontopsicologia, o cérebro visceral é visto como uma fonte de sabedoria e intuição, onde as emoções e sensações profundas são processadas (MENEGHETTI, 2005). Ele é responsável por uma forma de cognição que não é puramente racional, mas sim instintiva e intuitiva, permitindo uma compreensão mais profunda do campo semântico e das comunicações inconscientes.

O cérebro visceral tem sido discutido sob diversas óticas e áreas do conhecimento, especialmente na Neurociência e na Psicologia. Para a Psicologia, a teoria do cérebro visceral é frequentemente associada à ideia de que nossas emoções e respostas comportamentais são influenciadas por processos fisiológicos inconscientes (FOWLER, 2003). Esse conceito é importante para compreender como o corpo e a mente estão interligados e como as emoções podem influenciar a saúde física e vice-versa. Essa interconexão é peça fundamental tanto da Ontopsicologia quanto da Psicanálise. Ambas consideram a psicossomática essencial para entender como os conflitos emocionais e psicológicos podem se manifestar como sintomas físicos (MENEGHETTI, 2006; FREUD, 1936).

Na Ontopsicologia, a leitura do Campo Semântico, mediante o critério organísmico, destaca a importância de interpretar os sinais inconscientes do corpo para compreender o estado emocional e mental do indivíduo (MENEGHETTI, 2010). Já na Psicanálise, Freud introduziu a ideia de que os sintomas psicossomáticos são expressões de conflitos internos não resolvidos, sendo a Psicanálise uma ferramenta para revelar e tratar esses conflitos (FREUD, 1901). Ambas as aborda-

gens sublinham que a relação entre mente e corpo é complexa e que a simples utilização de IA, que carece de percepção emocional e empatia, não é suficiente para substituir o tratamento humano (TOPOL, 2019).

Na prática terapêutica Ontopsicológica, o Consultor utiliza essas abordagens para acessar e interpretar o Campo Semântico. Segundo Meneghetti (2005), o Campo Semântico é a comunicação base que todos os seres vivos possuem, inclusive no reino vegetal e animal. Trata-se de uma comunicação entre as individualidades que se move livremente, o tempo todo, antes mesmo da linguagem verbal, corporal e a emocional. A racionalidade está presente nesse processo apenas no momento em que a informação é organizada e interpretada, trazendo-a para a consciência.

O psicoterapeuta capaz de dominar a arte de compreender e interpretar o campo semântico observa não apenas as palavras e comportamentos do cliente, mas também suas expressões emocionais, sensações físicas e outros sinais viscerais. Ao fazer isso, decifra as comunicações inconscientes e ajuda o cliente a tomar consciência delas, promovendo uma compreensão profunda de si mesmo e facilitando o processo de desenvolvimento pessoal.

Assim, pode-se dizer que o maior instrumento de conhecimento do psicoterapeuta é ele próprio: o corpo com os cinco sentidos, o conhecimento teórico, científico e existencial adquirido, as experiências vividas, as interações com o mundo e tudo aquilo que lhe constitui.

Embora o Campo Semântico tenha sido amplamente estudado e compreendido à luz da Ontopsicologia, com evidente sucesso em suas aplicações, outras áreas fazem uso desse instrumento (ou partes dele), podendo denomina-lo de outras formas, visto que se trata da comunicação base natural entre os seres. É o caso do “Campo mórfico”, ou “Campos morfogenéticos”, conhecidos nas teorias do biólogo Rupert Sheldrake (SHELDRAKE, 2009).

Segundo o autor, esses campos são padrões organizacionais invisíveis que influenciam a forma e o comportamento dos sistemas vivos, incluindo organismos, grupos sociais e até mesmo processos mentais e culturais.

Em algumas abordagens terapêuticas, como as Constelações Sistêmicas Familiares, descobertas por Bert Hellinger, a ideia de campos mórficos é utilizada para explicar como padrões emocionais e comportamentais podem ser transmitidos através das gerações. Nessa visão, os campos mórficos podem influenciar dinâmicas familiares, permitindo que traumas e padrões de comportamento sejam “herdados” de antepassados (HELLINGER, 1999).

De uma forma semelhante, acontecem os processos de transferência e contratransferência, elementos centrais, complexos e amplamente discutidos na Psicanálise até hoje, embora tenha sido citado pela primeira vez por Freud em 1895.

Sigmund Freud, considerado o pai da Psicanálise, viveu em uma época anterior ao desenvolvimento das tecnologias modernas como as conhecidas hoje. Embora Freud não tenha abordado diretamente o uso de tecnologias contemporâneas, a partir de toda a sua obra e de suas reflexões sobre os aspectos técnicos do setting analítico, que envolve o ambiente e as condições sob as quais a análise ocorre, seus pensamentos podem ser extrapolados para considerar o impacto da IA no processo psicanalítico.

Freud introduziu conceitos fundamentais como o inconsciente, a transferência e a contratransferência (FREUD, 1900). Esses conceitos são pilares da Psicanálise, que busca compreender as motivações profundas e os conflitos internos dos indivíduos. A prática da Psicanálise depende fortemente da comunicação verbal e não verbal entre analista e paciente, incluindo trocas de palavras, lapsos, chistes, gestos e nuances das interações face a face.

Na Psicanálise, a transferência é o processo pelo qual os sentimentos, desejos e expectativas do paciente são projetados no analista (FREUD, 1912). Este é um fenômeno complexo e dinâmico que envolve emoções profundas e muitas vezes – talvez na maioria delas – inconscientes. A IA, por ser uma máquina, não pode experienciar ou responder emocionalmente a essas projeções de maneira genuína. Do mesmo modo, a contratransferência, resposta emocional do analista às projeções

do paciente não é possível. Esse fenômeno é crítico para a prática psicanalítica, pois ajuda o analista a compreender melhor o paciente. Uma IA não pode ter respostas emocionais genuínas, limitando sua capacidade de atuação nas psicoterapias.

Outra esfera elementar para a interpretação dos sinais inconscientes é a intuição, utilizada na Consultoria Ontopsicológica, na Psicanálise, bem como em outras ciências. A IA não dispõe dessa ferramenta, tampouco capacidade reflexiva, empática, emocional e outras habilidades subjetivas essenciais para a prática de psicoterapias mais completas.

A Ontopsicologia, bem como a Psicanálise freudiana e outras formas de psicoterapia dão grande ênfase ao inconsciente, que é acessado através de sonhos, lapsos, associações livres e outros mecanismos (MENEGHETTI, 2010; FREUD, 1900; FREUD, 1910). A interpretação do material inconsciente requer uma sensibilidade e uma compreensão profunda dos símbolos e significados pessoais, que uma IA, baseada em algoritmos e regras pré-programadas, não pode alcançar plenamente. Freud (1900, 1910, 1936) destaca a importância do inconsciente, que se manifesta em sonhos e atos falhos, e como sua interpretação exige que o analista capte as sutilezas dessas manifestações, e possua profunda compreensão e respeito pelas experiências e valores humanos, aspectos que não são replicáveis por máquinas.

A limitação da IA no âmbito das psicoterapias envolve uma série de considerações teóricas, técnicas e éticas. As decisões éticas e morais são parte integrante de toda a prática psicoterapêutica. Todavia, devido à sua natureza, a IA não possui senso ético ou moral e não pode assumir responsabilidade pelas consequências de suas “decisões”.

Diante dessa breve análise acerca dos instrumentos e métodos psicoterapêuticos, evidenciam-se as limitações da IA para atuação nesta área e clara impossibilidade de substituição do humano nesse aspecto. Sendo assim, resta a análise de como essa tecnologia pode trazer vantagens complementares ao profissional do futuro na psicoterapia.

Algumas das principais aplicações da IA na campo da Psicologia incluem a facilitação no diagnóstico de transtornos mentais. Isso pode ser realizado por meio do uso de algoritmos de aprendizado de máquina que analisam grandes volumes de dados de pacientes, como históricos médicos, respostas de questionários e padrões de fala e escrita. Essas tecnologias permitem inclusive identificar sinais sutis, como variações do tom de voz, escolha de palavras e estruturas de frases, e assim contribuem para diagnósticos mais precisos e ágeis (TOPOL, 2019; SHATTE *et al.*, 2019).

Desde a criação de planos terapêuticos personalizados e até no monitoramento de dados importantes dos pacientes, a IA pode apoiar os profissionais de saúde mental. Dispositivos *wearables* e aplicativos de saúde mental rastreiam o humor e níveis de atividade física em tempo real, permitindo intervenções rápidas e eficazes (TOPOL, 2019). Além disso, algumas ferramentas têm ganhado grande destaque, tal como os *Chatbots* e Assistentes Virtuais, que funcionam como um aplicativo de troca de mensagens, capazes de responder a perguntas frequentes e realizar inclusive a triagem inicial. *Chatbots* são ferramentas úteis para suporte imediato e contínuo, especialmente fora do horário de atendimento tradicional (SHATTE *et al.*, 2019). Entretanto, cabe destacar que essa tecnologia não substitui a terapia tradicional, ainda que possa oferecer certo suporte emocional.

Um estudo recente com 1.200 usuários do *Chatbot* de terapia cognitivo-comportamental *Wysa* trouxe à discussão uma possível conexão terapêutica entre *bot* e paciente, desenvolvida em poucos dias. A pesquisa, conduzida por psicólogos da Universidade de Stony Brook em Nova York, do Instituto Nacional de Saúde Mental e Neurociências na Índia, e do próprio *Wysa*, indicou que pacientes rapidamente passaram a acreditar que o *bot* respeitava e se importava com eles. A IA é gratuita e conveniente, segundo seus usuários, já que não necessita deslocamento, está sempre disponível e tem recursos que permitem, por exemplo, salvar transcrições de conversas úteis (THE GUARDIAN, 2022).

O uso de *Chatbots* pode amenizar os medos de julgamentos que algumas pessoas enfrentam ao falar com outras pessoas. Por exemplo, o serviço Earkick oferece cinco *Chatbots* diferentes com

personalidades adaptadas às preferências dos pacientes. Ainda assim, estabelecer uma ligação com um *Chatbot* envolve uma espécie de autoengano, e há riscos de apego não saudável. Além disso, em alguns casos, os *Chatbots* não responderam adequadamente e fizeram interpretações e leituras prejudiciais e perigosas à integridade humana, destacando as contradições com o uso desse sistema (THE GUARDIAN, 2022).

A IA, especialmente as tecnologias de aprendizado de máquina e processamento de linguagem natural, tem potencial para analisar grandes volumes de dados, identificar padrões e oferecer insights valiosos que podem complementar o trabalho dos terapeutas. No entanto, ressalta-se, novamente, que ela não possui a capacidade de experimentar emoções ou realizar julgamentos éticos, limitando sua aplicação em contextos terapêuticos complexos.

3. METODOLOGIA

Este estudo utiliza uma abordagem qualitativa, realizando uma revisão da literatura existente sobre a aplicação da IA em contextos terapêuticos. A revisão da literatura incluiu a análise de trabalhos teóricos e empíricos relevantes, com o objetivo de identificar as principais contribuições, benefícios e limitações do uso de IA na psicoterapia. Adicionalmente, foi realizado um estudo de caso envolvendo a integração de tecnologias de IA em práticas psicoterapêuticas, complementado pela experiência prática da autora como Terapeuta Integrativa e Psicanalista em formação.

Os objetivos da pesquisa são:

1. Demonstrar, através dos conceitos teóricos e alguns exemplos práticos, os benefícios e limitações do uso da IA na terapia.
2. Explorar como a inteligência artificial (IA) pode auxiliar Ontopsicólogos, Psicanalistas, Psicólogos, Terapeutas integrativos e demais profissões voltadas ao desenvolvimento humano e à saúde integral do ser humano.

Para fundamentar teoricamente o estudo, foram utilizadas as obras de dois grandes cientistas no campo da psicoterapia: Antonio Meneghetti e Sigmund Freud. Os conceitos e teorias desses autores foram essenciais para compreender as interações humanas nas terapias e as potenciais implicações do uso da IA nesse contexto. A seleção dos trabalhos revisados seguiu critérios de relevância e impacto no campo da psicoterapia, garantindo uma base sólida para a discussão dos resultados. O estudo de caso envolveu a integração de *Chatbots* terapêuticos na prática clínica, com observações diretas e entrevistas com pacientes.

A análise dos dados se dá a partir da reflexão crítica sobre a integração da IA na prática terapêutica com base nos casos estudados e na experiência pessoal da autora. Os principais aspectos considerados são o impacto na relação terapeuta-paciente, a eficácia terapêutica e limitações da IA.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A revisão teórica e o estudo de caso indicam que a IA pode ser uma ferramenta valiosa para psicoterapeutas, especialmente na análise de dados e na identificação de padrões comportamentais. *Chatbots*, por exemplo, demonstraram ser eficazes no suporte inicial aos pacientes, proporcionando conveniência e acessibilidade. No entanto, suas limitações são evidentes na profundidade e qualidade das interações terapêuticas.

Os *Chatbots* mostraram-se eficazes para oferecer suporte imediato aos pacientes, especialmente fora do horário de atendimento ou mesmo no suporte inicial, oferecendo uma forma conveniente e acessível para os pacientes iniciarem suas jornadas terapêuticas. SHATTE *et al.* (2019) observaram uma conexão terapêutica inicial desenvolvida com *Chatbots*, que foi corroborada pelo caso analisado neste artigo. No entanto, ressalta-se a limitação significativa e comprometedora na profundidade das interações que essas ferramentas podem oferecer.

Outro estudo que vai ao encontro dessas constatações é relativo ao desenvolvimento de um assistente virtual que oferece terapia baseada na resolução de problemas (KANNAMPALLIL, T., AJILORE, O.A, Lv, N. *et al.*, 2023). Para criar um tratamento terapêutico baseado na ciência, aproveitando a IA, pesquisadores da Universidade de Illinois projetaram um treinador virtual baseado em voz e o ofereceram a uma amostra aleatória de pacientes com depressão e ansiedade leve a moderada. Após 16 semanas de uso, as pessoas demonstraram resultados positivos, com melhor regulação emocional e sintomas de ansiedade e depressão, mostrando eficácia do *Lumen*, o assistente que fornece terapia de IA.

Esses casos salientam que a IA pode apoiar psicoterapeutas com ferramentas complementares, por meio da análise de dados e da voz de pacientes na detecção de ideação suicida através de *Chatbots* em celulares. Também podem interagir com a pessoa para registrar pensamentos, estilos de vida, etc. e monitorar o humor dos pacientes.

Embora a IA forneça suporte valioso, ela não pode substituir a intuição, empatia e criatividade humanas, essenciais no processo terapêutico. A transferência e a contratransferência, conceitos centrais na Psicanálise (FREUD, 1977), dependem de uma interação humana genuína, algo que a IA não pode replicar. Essa característica está alinhada com a compreensão de Meneghetti (2010) que enfatiza a importância das habilidades humanas e do Campo Semântico na Consultoria Ontopsicológica.

A IA possui limitações determinantes que impedem a atuação plena e satisfatória da psicoterapia, especialmente em abordagens que consideram o ser humano de forma integral, holística, ou seja, que analisam não apenas comportamentos, sintomas e questões das camadas mais superficiais e conscientes, mas que considerem a mente, o corpo, o espírito e as interações com o meio. Visto que se trata de um processo profundo, que envolve uma interação complexa e contínua entre o paciente e o analista, apenas outro ser humano será capaz de contemplar, com sua capacidade emocional, de reflexão, de percepção, de empatia, de intuição, de criatividade, com seu talento inato, com seu propósito, com seus valores, sua ética, sua experiência, sua sabedoria dentre outras características intrinsecamente humanas.

Apesar da possibilidade de acesso e manipulação de grandes volumes de informações um conteúdo teórico, a IA não possui as qualificações clínicas e a experiência prática que um psicoterapeuta humano possui. Ciências tal como a Ontopsicologia e a Psicanálise, por exemplo, que realizam interpretações da mente inconsciente, lançando mão de diversas ferramentas, incluindo sonhos e outros recursos imagéticos e simbólicos, não são possíveis de serem replicadas por uma máquina, por mais inteligente que ela seja. Embora essas ciências utilizem um método, trata-se de um complexo e robusto processo terapêutico, que considera particularidades de cada indivíduo, tornando-o exequível apenas pela inteligência humana.

Além disso, para essas duas ciências levam-se em consideração nuances da interação humana, incluindo linguagem corporal, tom de voz e outras pistas não verbais que são essenciais para o processo terapêutico, e que a IA não consegue captar. A dinâmica entre analista e analisando, como transferência e contratransferência, fundamentais na Psicanálise, não podem acontecer em um contexto de IA da maneira que um humano faria.

Cabe ainda mencionar que a eficácia da IA depende da qualidade dos algoritmos e dos dados utilizados para treiná-los. É crucial que os profissionais de saúde mental e os desenvolvedores de IA trabalhem juntos para garantir que os sistemas sejam mais precisos possível, seguros e baseados nas melhores práticas clínicas.

Por outro lado, a IA pode fornecer informações e responder a perguntas sobre as teorias e métodos de forma muito eficiente. Pela experiência da autora deste estudo no exercício de práticas terapêuticas e no percurso formativo em Psicanálise, a IA pode se tornar uma grande aliada como recursos de estudo, por meio de sugestão de leituras e materiais de estudo, cruzamentos de informações e exemplos práticos.

Ainda com base na experiência pessoal da autora, outras contribuições valiosas da IA para os

psicoterapeutas se referem à gestão do negócio e estratégias por trás do processo terapêutico, com a automatização de tarefas administrativas, suporte para a tomada de decisão, criação e otimização de campanhas de marketing digital, gerenciamento de redes sociais e personalização da comunicação com clientes, dentre diversos outros benefícios.

O futuro das psicoterapias com a IA é promissor, e os profissionais que adotarem essas tecnologias estarão melhor equipados para oferecer um atendimento mais eficaz aos seus pacientes. O verdadeiro profissional do futuro nas profissões de saúde mental será aquele que souber integrar as tecnologias de IA com suas habilidades humanas únicas. A capacidade de ler dentro da ação da vida, será essencial para lidar com as complexidades das emoções e dos processos criativos dos pacientes.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das análises realizadas, é evidente que a inteligência artificial oferece inegáveis benefícios às práticas psicoterapêuticas, especialmente em termos de análise de dados e suporte inicial aos pacientes. No entanto, a profundidade e a complexidade das interações humanas, essenciais para o sucesso das psicoterapias, não podem ser plenamente replicadas por tecnologias algorítmicas.

A Ontopsicologia e a Psicanálise, como explorado neste estudo, destacam a importância da compreensão holística e intuitiva do ser humano, algo que a IA, com suas limitações, não pode alcançar. A capacidade de percepção emocional, empatia, intuição e a interpretação dos sinais inconscientes são habilidades inerentemente humanas que se revelam insubstituíveis no contexto terapêutico.

Portanto, o futuro das psicoterapias reside na harmonização das capacidades humanas com as ferramentas tecnológicas. Profissionais que souberem integrar essas tecnologias de maneira complementar, utilizando-as para potencializar suas habilidades intuitivas e emocionais, estarão melhor preparados para enfrentar os desafios e aproveitar as oportunidades que o futuro traz. A visão profunda e integral do ser humano deve sempre guiar a prática terapêutica, assegurando que a essência das interações humanas não seja perdida, mas sim enriquecida pelas possibilidades oferecidas pela inteligência artificial.

REFERÊNCIAS

SHATTE, A. B. R., HUTCHINSON, D. M., & TEAGUE, S. J. **Machine learning in mental health: a scoping review of methods and applications.** Psychological Medicine, 2019.

FOWLER, C.J. **Neurociência sensorial visceral: Interocepção.** Brain, Volume 126, Edição 6, Páginas 1505–1506, 2003.

FREUD, S. **A interpretação dos sonhos,** 1900.

FREUD, S. **A Dinâmica da Transferência.** Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, vol.12, 1977.

FREUD, S. **Inibições, Sintomas e Ansiedade.** Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. XX. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1936.

FREUD, S. **Psicopatologia da Vida Cotidiana.** Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. VI. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1901.

FREUD, S. **Sobre a Psicanálise. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud,** v. XI. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1910.

HELLINGER, B. **Love's Hidden Symmetry: What Makes Love Work in Relationships.** Zeig, Tucker & Theisen, 1999.

MENEGHETTI, A. **Manual de Ontopsicologia.** 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010.

MENEGHETTI, A. **Manual de Melolística.** Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora, 2005.

SHELDRAKE, R. **Morphic Resonance: The Nature of Formative Causation.** Park Street Press, 2009.

TOPOL, E. J. **Deep Medicine: How Artificial Intelligence Can Make Healthcare Human Again.** Basic Books, 2019.

KANNAMPALLIL, T., AJILORE, O.A, LV, N. *et al.* **Efeitos de um coach virtual baseado em voz que fornece tratamento de resolução de problemas sobre sofrimento emocional e função cerebral: um RCT piloto em depressão e ansiedade.** Transl Psychiatry 13 , 166, 2023 .